

EDITORIAL

Teorização no transe da crise: política, organizações e pesquisa no pensar em círculos

Theorization within the crisis trance: politics, organizations and research in circular thinking

Eduardo Paes Barreto Davel^a

Leticia Dias Fantinel^b

Cintia Rodrigues^c

^a Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil

^b Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, Brasil

^c Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, Brasil

Resumo

No transe da crise, que futuro podemos e devemos produzir, em termos de teorização sobre organizações e sociedade? De que forma vamos nos conectar com o processo de pesquisar, teorizar e fazer política? Mais do nunca, torna-se vital questionarmos a nossa atuação como intelectuais e nossas teorizações nas sociedades em que vivemos. Precisamos rearticular valores como solidariedade e justiça social em uma produção e atuação acadêmico-intelectual que tenha raízes na interlocução, na dialogia e no engajamento com a sociedade. Engajamento é uma relação que envolve negociação e colaboração entre pesquisadores e praticantes dentro de um espírito de comunidade voltada para a aprendizagem contínua. Nesse processo, o pensar em círculos pode auxiliar pela sua lógica baseada em uma teia de relações, em um pensar e agir em um contexto multidimensional e dentro da concepção global.

Palavras-chave: Teorização; Política; Pesquisa; Organizações; Crise.

Abstract

In the trance of the crisis, what future can and should we produce, in terms of theorizing about organizations and society? How are we going to connect with the process of researching, theorizing and making politics? More than ever, it is vital to question our role as intellectuals and our theories in the societies in which we live.

We need to re-articulate values such as solidarity and social justice in an academic-intellectual production and performance that is embedded in interlocution, dialogism and engagement with society. Engagement is a relationship that involves negotiation and collaboration between researchers and practitioners within a spirit of community driven by ongoing learning. In this process, thinking in circles can help because its logic is based on a web of relationships, on thinking and acting in a multidimensional context and within the overall conception.

Keywords: Theorization; Politics; Research; Organizations; Crises.

Em 2020, a chamada “civilização global” enfrenta uma das mais graves ameaças desde sua invenção, o que instiga a reflexão sobre formas alternativas de habitar o mundo e pensar sobre ele (Danowski & Viveiros de Castro, 2014). Resolvemos nos desafiar, nesse âmbito, a pensar a pesquisa e a prática sobre organizações e sociedade para além do contexto urgente que nos interpela no imediato, tentando compreender os impactos, desafios e demandas não apenas da policrise (Morin, 2020), mas do mundo, da sociedade e das organizações que queremos construir a partir dela. Afinal, que ciência devemos e podemos produzir?

São muitos os desafios que se colocam no cenário global que a pandemia de 2020 ajudou a desenhar (Harari, 2020). Não que esses desafios ou preocupações já não estivessem se delineando recentemente. No âmbito político, por exemplo, acirrou-se o explícito confronto que se coloca entre o isolamento nacionalista e a solidariedade global, um confronto que provoca muitas questões. A globalização – uma perversidade, conforme Santos (2003) – estaria em marcha para a possibilidade em que uma mobilização global para mudanças políticas, econômicas e sociais minimizaria as profundas desigualdades e acabaria por alcançar o ideal de “ser humano integral e cidadão”? Estaríamos diante de um teste de cidadania em que técnicas cada vez mais sofisticadas venceriam e revelariam de vez seu caráter violento e sagaz?

Ao mesmo tempo que velhos dispositivos estatais de proteção às fronteiras são acionados, assistimos à reconfiguração em larga escala das técnicas do corpo e das tecnologias do poder (Preciado, 2020). Com efeito, as experiências relacionadas ao trabalho em tempos de pandemia atribuem novos contornos à discussão sobre estresse no trabalho remoto, precarização do trabalho, luta de classes, desemprego, entre outras questões. São situações problemáticas que se exacerbam e se aprofundam, sem terem sido causadas pelo coronavírus (Antunes, 2020). Todas essas preocupações estão assentadas sobre questões ecológicas, culturais, sociais, econômicas e, sobretudo, políticas.

Além disso, em um contexto de desprezo à ciência e desmonte da educação superior, políticos irresponsáveis minam deliberadamente a confiança na ciência, nas

autoridades públicas e na mídia (Harari, 2020). Será que a ciência é capaz de despertar uma “consciência histórica” (Suddaby, 2016) capaz de levar à reflexão crítica sobre as estruturas de sistemas políticos, econômicos e sociais que abriram caminho para este contexto? Como nossas pesquisas podem regenerar e fortalecer a confiança nas ciências, em especial nas ciências sociais? Seria a radicalização um dos possíveis caminhos para a pesquisa e a prática contemporâneas?

Contextos de crise são, muitas vezes, laboratórios de inovação social. Como pesquisadoras e pesquisadores, cabe a nós refletirmos sobre os desafios da teoria organizacional na abstração dessas inovações e na compreensão dos contextos que perpassam o mundo contemporâneo – sejam eles de cunho ecológico, militar, político, econômico ou cultural (Reed & Burrell, 2019) – e sobre a importância não apenas de problematizar esses fenômenos, mas também do compromisso de nos engajarmos de forma ativa com a produção e organização de uma sociedade mais justa e plural (Contu, 2018).

Mais do que nunca, torna-se vital questionarmos a nossa atuação (o que e como fazemos) como intelectuais e nossas teorizações nas sociedades em que vivemos. No âmbito das escolas de administração, é tempo de rearticular valores como solidariedade e justiça social em uma produção e atuação acadêmico-intelectual que tenham raízes na interlocução, na dialogia e no engajamento com a sociedade (Contu, 2018, 2020; Cunliffe & Scaratti, 2017; Flyvberg, 2001, 2006; Van de Ven, 2007). No contexto dos estudos organizacionais no Brasil, qual é o compromisso de nossas produções e ações com a redução das desigualdades, considerando o histórico silenciamento a que diversos grupos foram relegados em nosso país (Carrieri & Correia, 2020)?

Em um momento em que o vazio triunfa no âmbito da educação, do consumismo e da organização (Alvesson, 2013) e que testemunhamos uma proliferação de pesquisas sem sentido e valor para a sociedade (Alvesson, Gabriel, & Paulsen, 2017), cabe repensar nossa forma de fazer pesquisa e teorizar sobre as organizações e a sociedade em que se situam. Será que a tendência para muitos acadêmicos ainda será fazer pesquisa para ter publicações e não para dizer algo socialmente significativo? Será que é possível fazer pesquisa que tenha sentido e alcance para a sociedade para além dos interesses de grupos específicos? O processo de recuperação de sentido e relevância social na pesquisa passa pela transformação de um sistema que ultrapassa os âmbitos pessoais: reforma de organizações, instituições, identidades e práticas acadêmicas (Alvesson et al., 2017).

Realizar pesquisa com engajamento da sociedade e das diversas partes envolvidas torna-se um caminho valioso para pensar o futuro do trabalho acadêmico. Engajamento é uma relação que envolve negociação e colaboração entre pesquisadores

e praticantes dentro de um espírito de comunidade voltado para a aprendizagem contínua. Ao invés de conceber organizações e clientes como lugares instrumentais para coletar dados e obter recursos financeiros, um pesquisador engajado os vê como um lócus de aprendizagem em que praticantes e acadêmicos coproduzem conhecimento sobre questões relevantes para todas as partes envolvidas (Van de Ven, 2007). Com efeito, impacto, sentido e relevância devem ser intrínsecos ao processo de gerar conhecimento e contribuições teóricas para o avanço de um campo de conhecimento. O engajamento da sociedade na pesquisa requer entender que o conhecimento é situado (enraizado em um tempo-espaço social, histórico, cultural, político etc.) e que será fundamental realizar uma construção dialógica de sentido num ritmo permanente de reflexividade compartilhada (Cunliffe & Scaratti, 2017; Haraway, 1988; Shotter, 2010).

Nesse percurso, convidamos pesquisadores a pensar e agir em um contexto multidimensional e dentro da concepção global, desafiando a linearidade habitual do fazer e pensar científico. O pensar em círculos, em vez de linhas, se compõe, nos caminhos do artesanato intelectual, de uma teia de relações – próxima à metáfora de Morin (2020) sobre como fazer uma cesta. Entrelaçam-se círculos a tecer o “transe da crise”, que parece nos paralisar, mas não nos impede de agir. Assim, ao entendermos o transe como uma prática cultural ritualística, sensorial e complexa, que traduz um apelo por conexão (Mauss, 2003), talvez possamos nos perguntar: mas, afinal, com o que queremos nos conectar? De que forma vamos nos conectar com os processos de pesquisar, teorizar e fazer política?

Referências

- Alvesson, M. (2013). *The triumph of emptiness: consumption, higher education, and work organization*. Oxford: Oxford University Press.
- Alvesson, M., Gabriel, Y., & Paulsen, R. (2017). *Return to meaning: a social science with something to say*. Oxford: Oxford University Press.
- Antunes, R. (2020, 5 de abril). *Coronavirus e neoliberalismo: as consequências sobre a classe trabalhadora e o papel dos sindicatos* [vídeo]. Recuperado de <https://bit.ly/362jzl6>
- Carrieri, A. P., & Correia, G. F. A. (2020). Estudos organizacionais no Brasil: construindo acesso ou replicando exclusão? *Revista de Administração de Empresas*, 60(1), 59-63. doi:10.1590/s0034-759020200107

- Contu, A. (2018). '... The point is to change it' – Yes, but in what direction and how? Intellectual activism as a way of 'walking the talk' of critical work in business schools. *Organization*, 25(2), 282-293. doi:10.1177/1350508417740589
- Contu, A. (2020). Answering the crisis with intellectual activism: making a difference as business schools scholars. *Human Relations*, 73(5), 1-21. doi:10.1177/0018726719827366
- Cunliffe, A. L., & Scaratti, G. (2017). Embedding impact in engaged research: developing socially useful knowledge through dialogical sensemaking. *British Journal of Management*, 28(1), 29-44. doi:10.1111/1467-8551.12204
- Danowski, D., & Viveiros de Castro, E. (2014). *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Florianópolis, SC: Cultura e Barbárie.
- Flyvbjerg, B. (2001). *Making social science matter*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Flyvbjerg, B. (2006). Making organization research matter: power, values and phronesis. In S. R. Clegg, C. Hardy, T. Lawrence, & W. R. Nord (Eds.), *The SAGE handbook of organization studies* (pp. 370-387). London: Sage Publications.
- Harari, Y. N. (2020, 20 de março). The world after coronavirus. *Financial Times*. Recuperado de <https://on.ft.com/3mKRWy>
- Haraway, D. (1988). Situated knowledges: the science question in feminism and the privilege of partial perspective. *Feminist Studies*, 14(3), 575-599. doi:10.2307/3178066
- Mauss, M. (2003). *Sociologia e antropologia*. São Paulo, SP: CosacNaify.
- Morin, E. (2020, 26 de março). Edgar Morin : « Ressentir plus que jamais la communauté de destins de toute l'humanité ». Entrevista por S. Blin. *Libération*. Recuperado de <https://bit.ly/2FLGTc9>
- Preciado, P. B. (2020, 28 de março). Aprendiendo del virus. *El País*. Recuperado de <https://bit.ly/3ct900f>
- Reed, M., & Burrell, G. (2019). Theory and organization studies: the need for contestation. *Organization Studies*, 40(1), 39-54. doi:10.1177/0170840617745923
- Santos, M. (2003). *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record.
- Shotter, J. (2010). Situated dialogic action research: disclosing "beginnings" for innovative change in organizations. *Organizational Research Methods*, 13(2), 268-285. doi:10.1177/1094428109340347

Suddaby, R. (2016). Toward a historical consciousness: following the historic turn in management thought. *M@n@gement*, 19(1), 46-60. doi:10.3917/mana.191.0046

Van de Ven, A. H. (2007). *Engaged scholarship: a guide for organizational and social research*. Oxford: Oxford University Press.

Sobre os Autores

Eduardo Paes Barreto Davel

Doutor em administração pela École des Hautes Études Commerciales de Montreal (Canadá) com pós-doutorado em administração pela Nova School of Business and Economics da Universidade Nova de Lisboa (Portugal). Professor na Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia. Editor-chefe da revista *Organizações & Sociedade*. Pesquisa e publica sobre empreendedorismo cultural, gestão do processo criativo, ensino, metodologia, aprendizagem, cultura e estética nas organizações. E-mail: davel.eduardo@gmail.com. ORCID: 0000-0003-0610-6474

Letícia Dias Fantinel

Doutora em administração pela Universidade Federal da Bahia. Professora no Departamento de Administração da Universidade Federal do Espírito Santo. Editora associada da revista *Organizações & Sociedade* para o eixo “Organizações, Cultura e Identidade”. Pesquisa e publica sobre culturas e simbolismos nas organizações, práticas organizativas, sociabilidades organizacionais, espaço e tempo nas organizações, representações sociais, dinâmicas e práticas urbanas, cidades, relações organizadas entre humanos e outros animais, metodologias qualitativas, etnografia. E-mail: leticia.fantinel@ufes.br. ORCID: 0000-0002-4589-6352

Cintia Rodrigues

Doutora com pós-doutorado em administração pela Escola de Administração de Empresas de São Paulo, da Fundação Getúlio Vargas. Professora na Faculdade de Gestão e Negócios da Universidade Federal de Uberlândia. Professora visitante da Faculty of Business and Law da Open University (Reino Unido). Editora associada da revista *Organizações & Sociedade* para o eixo “Organizações, Política e Sociedade”. Pesquisa e publica sobre cultura, sociedade e poder, crimes corporativos e o *dark side* das organizações. E-mail: cintia@ufu.br. ORCID: 0000-0001-7999-9002

